

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIA DE CODÓ - CCCO
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

CARLOS ROBERTO DA SILVA MOURA

**DE PORTUGAL AO MARANHÃO: O MITO DE DOM SEBASTIÃO NA ILHA DOS
LENÇÓIS**

CODÓ - MA
JULHO/2026

CARLOS ROBERTO DA SILVA MOURA

**DE PORTUGAL AO MARANHÃO: O MITO DE DOM SEBASTIÃO NA ILHA DOS
LENÇÓIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Humanas-História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso

CODÓ - MA

JULHO/2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moura, Carlos Roberto da Silva.

De Portugal ao Maranhão : o mito de Dom Sebastião na
Ilha dos Lençóis / Carlos Roberto da Silva Moura. - 2026.
23 p.

Orientador(a): Antônio Alexandre Isídio Cardoso.
Curso de Ciências Humanas - História, Universidade
Federal do Maranhão, Codó - Ma, 2026.

1. Dom Sebastião. 2. Sebastianismo. 3. Maranhão. 4.
Tambor de Mina. I. Cardoso, Antônio Alexandre Isídio. II.
Título.

CARLOS ROBERTO DA SILVA MOURA

**DE PORTUGAL AO MARANHÃO: O MITO DE DOM SEBASTIÃO NA ILHA DOS
LENÇÓIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Humanas-História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso

Data da aprovação: 08/07/2026.

BANCA EXAMINADORA

Orientador – Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Ma. Pâmela Lorena Silva Machado – avaliadora externa
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Me. Francisco de Assis Alves – avaliador externo
Universidade Federal do Bahia - UFBA

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Francisco Carlos Lopes Moura (*in memoriam*), que sempre lutou e se dedicou no sustento de sua família e, sempre sonhou em ver todos nós, seus filhos, formados.

AGRADECIMENTOS

A Deus e todas as forças que regem o universo e nos permitem viver e poder sonhar. Aos meus familiares que sempre apoiaram em todos os momentos, desde os mais leves aos mais difíceis, especialmente ao meu pai Francisco Carlos Lopes Moura (*in memoriam*) que me ensinou como é a vida e sempre em persistir. À minha mãe Núbia Regina da Silva Moura, cuidadora da casa e dos filhos, sempre se esforçou em acompanhar e levar-nos para a escola, pois sabia da importância que teriam os estudos em nossas vidas.

Aos meus irmãos Carlos Régis da Silva Moura que sempre me incentivou a buscar o melhor para minha vida acadêmica e profissional e, Carlos Rogério da Silva Moura que também esteve comigo nas batalhas da vida, sempre conciliando estudos e trabalho, me fazendo acreditar que eu também seria capaz.

Aos meus amigos que me cercaram durante o período de estudos na UFMA, principalmente, David Santos e Jardel Araújo que estavam sempre formando grupos de estudo e apresentação de trabalhos comigo, de forma a contribuir com a formação um do outro e, Francisco de Assis que, mesmo sendo de outra turma, esteve conosco, sempre me incentivando a concluir meu trabalho de conclusão de curso.

À Keila Rejane que esteve nesses últimos períodos sempre me auxiliando e me incentivando a concluir a pesquisa e me formar, para buscar outros níveis na minha caminhada acadêmica.

Ao meu orientador, o professor Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso pelas suas orientações e, mesmo quando eu sumia, ele sempre procurava uma forma de me contactar para que eu continuasse. E à Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó e seus funcionários, pelo seu espaço repleto de profissionais competentes e sempre dispostos a ajudar. E a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte dessa trajetória de forma direta ou indireta, contribuindo para a minha formação!

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO	9
2 DE PORTUGAL AO MARANHÃO: O MITO DE DOM SEBASTIÃO NA ILHA DOS LENÇÓIS	10
2.1 O surgimento do sito	10
2.2 O mito pelo Brasil	13
2.3 Maranhão: a Ilha dos Lençóis	16
3 DOM SEBASTIÃO E O SEBASTIANISMO NO TAMBOR DE MINA	18
4 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22

DE PORTUGAL AO MARANHÃO: O MITO DE DOM SEBASTIÃO NA ILHA DOS LENÇÓIS

Carlos Roberto da Silva Moura

Orientador: Antônio Alexandre Isidio Cardoso

RESUMO

O presente estudo analisa o processo de ressignificação do mito de Dom Sebastião no Maranhão, destacando sua incorporação ao universo religioso do Tambor de Mina. Inicialmente, aborda a origem do sebastianismo em Portugal após o desaparecimento do rei Dom Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, e sua difusão para o Brasil durante o período colonial. Em seguida, discute a consolidação da tradição na Ilha dos Lençóis e sua relação com a encantaria maranhense. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, fundamentada em livros e artigos científicos de autores como Ferretti, Godoy, Braga e Zierer. Os resultados evidenciam que o mito foi reinterpretado pela cultura maranhense, deixando de representar apenas um personagem da história portuguesa para integrar a cosmologia do Tambor de Mina como um encantado. Conclui-se que esse processo expressa a interação entre tradições europeias, africanas e indígenas, contribuindo para a formação da identidade cultural e religiosa do Maranhão.

Palavras-chave: Dom Sebastião; Sebastianismo; Maranhão; Tambor de Mina.

ABSTRACT

This study analyzes the process through which the myth of King Sebastian was reinterpreted in the state of Maranhão, emphasizing its incorporation into the religious universe of Tambor de Mina. Initially, it discusses the origins of Sebastianism in Portugal following the disappearance of King Sebastian at the Battle of Alcácer-Quibir in 1578 and its diffusion to Brazil during the colonial period. It then examines the consolidation of this tradition on Lençóis Island and its relationship with Maranhão's enchantment tradition. This is a qualitative, descriptive bibliographic study based on books and scientific articles by authors such as Ferretti, Godoy, Braga, and Zierer. The findings show that the myth was reinterpreted by Maranhão's culture, becoming part of the cosmology of Tambor de Mina as an enchanted entity rather than merely a historical Portuguese figure. It is concluded that this process reflects the interaction of European, African, and Indigenous traditions, contributing to the formation of Maranhão's cultural and religious identity.

Keywords: Dom Sebastião; Sebastianism; Maranhão; Tambor de Mina.

1 INTRODUÇÃO

O sebastianismo constitui um dos movimentos mítico-religiosos mais significativos da tradição portuguesa, surgido após o desaparecimento do rei Dom Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578. A ausência da confirmação de sua morte favoreceu o surgimento da crença de que o monarca retornaria para restaurar Portugal e conduzir seu povo a um período de prosperidade e justiça. Ao longo dos séculos, essa expectativa ultrapassou os acontecimentos históricos, transformando-se em um imaginário coletivo que influenciou diferentes manifestações culturais, religiosas e populares tanto em Portugal quanto nos territórios de colonização portuguesa (Godoy, 2009).

Com a expansão marítima e a colonização do Brasil, o mito de Dom Sebastião atravessou o Oceano Atlântico e passou por sucessivos processos de ressignificação. Em diferentes regiões brasileiras, o antigo rei português foi incorporado às tradições locais, assumindo novos significados de acordo com a realidade histórica, social e religiosa de cada comunidade. Entre essas manifestações, destaca-se o Maranhão, onde o sebastianismo adquiriu características singulares ao relacionar-se diretamente com a Ilha dos Lençóis, localizada no município de Cururupu, e com a tradição da encantaria presente no Tambor de Mina (Zierer, 2024).

O Tambor de Mina, uma das principais religiões de matriz africana do Maranhão, caracteriza-se pela reunião de elementos africanos, indígenas e europeus em uma cosmologia própria, marcada pelo culto aos voduns, orixás, caboclos e encantados. Nesse universo religioso, Dom Sebastião deixou de representar apenas um personagem da história portuguesa para tornar-se uma entidade espiritual pertencente à família dos encantados, passando a participar dos rituais religiosos realizados principalmente em São Luís e em outras localidades maranhenses. Esse processo evidencia a capacidade da religiosidade popular de reinterpretar personagens históricos e incorporá-los às suas práticas simbólicas, preservando tradições que permanecem vivas até a atualidade (Ferretti, 2013).

A presença de Dom Sebastião no Tambor de Mina representa uma das mais expressivas demonstrações do diálogo entre diferentes matrizes culturais na formação da identidade maranhense. A permanência desse culto revela que o sebastianismo não permaneceu restrito à memória histórica portuguesa, mas foi adaptado ao contexto religioso afro-maranhense, tornando-se parte da encantaria e do patrimônio cultural do estado. Assim, compreender essa relação contribui para ampliar o conhecimento sobre os processos de construção do imaginário religioso brasileiro e sobre a riqueza das manifestações culturais desenvolvidas no Maranhão.

Diante desse contexto, a presente pesquisa parte do seguinte problema: como o mito de Dom Sebastião foi ressignificado no Maranhão a ponto de integrar o universo religioso do Tambor de Mina e tornar-se uma das principais entidades da encantaria maranhense? A investigação dessa questão permite compreender de que maneira elementos oriundos da tradição europeia foram reinterpretados pelas religiões afro-brasileiras, adquirindo novos significados e funções dentro da cultura local.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar a relação entre o sebastianismo e o Tambor de Mina no Maranhão, buscando compreender o processo histórico e cultural que possibilitou a incorporação de Dom Sebastião ao conjunto dos encantados cultuados nessa religião. Especificamente, pretende-se apresentar a origem do sebastianismo em Portugal, discutir sua difusão para o Brasil, analisar a importância da Ilha dos Lençóis para a consolidação do mito no Maranhão e compreender como Dom Sebastião passou a integrar a cosmologia religiosa do Tambor de Mina.

A realização desta pesquisa justifica-se pela relevância histórica, cultural e religiosa do tema, uma vez que contribui para a valorização das manifestações da cultura popular maranhense e para a compreensão dos processos de ressignificação que caracterizam a formação da religiosidade brasileira. Além disso, evidencia a singularidade do Tambor de Mina ao incorporar um personagem da história portuguesa ao universo da encantaria, demonstrando a interação entre tradições africanas, indígenas e europeias na constituição da identidade cultural do Maranhão.

Para alcançar os objetivos propostos, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter descritivo. O estudo fundamentou-se na análise de livros, artigos científicos e produções acadêmicas que abordam o sebastianismo, a encantaria maranhense e o Tambor de Mina, tendo como principais referências as contribuições de Braga (2001), Ferretti (2003; 2013; 2014), Godoy (2009) e Zierer (2024). A partir dessas obras, buscou-se compreender o percurso histórico do mito de Dom Sebastião e sua incorporação à religiosidade afro-maranhense, evidenciando sua permanência como elemento constitutivo da identidade cultural e religiosa do Maranhão.

2 DE PORTUGAL AO MARANHÃO: O MITO DE DOM SEBASTIÃO NA ILHA DOS LENÇÓIS

2.1 O surgimento do mito

Dom Sebastião foi rei de Portugal durante o período de 1557 a 1578, logo após a morte de seu avô Dom João III. Sendo Dom Sebastião já órfão de pai, que morrera duas semanas antes

de seu nascimento, assumiu o trono com apenas 3 anos de idade. No entanto, por conta de sua pouca idade, tanto a regência do reino, como a sua tutela, ficou por conta de Dona Catarina, sua avó paterna. Contudo, em pouco tempo, a tutoria e a regência foram passadas para o tio-avô de Dom Sebastião, o cardeal Dom Henrique em 1562. O pequeno rei só teve a posse totalmente do trono após completar sua maioridade, em 1568, aos 14 anos de idade, tendo fim o seu reinado em 04 de agosto de 1578, com sua derrota na batalha contra os mouros em Alcácer Quibir (Ramos *et al.*, 2012).

A população portuguesa andava apreensiva, por Portugal estar passando por um momento de risco, pois, na falta de um herdeiro legítimo do rei, Portugal poderia ser integrado à Espanha. Com isso, era muito esperado pela população portuguesa que o príncipe, Dom João, filho do rei Dom João III, tivesse um filho. Em decorrência do próprio rei, por sua idade avançada já não poder mais ter filhos. E, o príncipe Dom João era adoentado, deixando todos temerosos que morresse sem sequer ter um herdeiro (Godoy, 2009).

Concomitante a isso, anteriormente, havia uma espécie de acordo entre Carlos V e Dom João III, que colocaram à sorte dos herdeiros a junção dos reinos, tornando a península uma unidade. O imperador Carlos V estava torcendo que os reinos ficassem por conta de seu neto herdeiro. E, após a morte do imperador, seu filho Felipe II, ficou à espreita, seguindo os mesmos pensamentos do pai, conseguindo consumir o fato de junção dos reinos após a derrota de Dom Sebastião (Martins, 1882, p. 43-44).

Com esse cenário de aflição, Portugal precisava de um rei herdeiro. Por isso, foi tido na figura de Dom Sebastião como um “salvador” da nação, sendo aclamado como o “Desejado”. E, contribuindo para complementar ainda mais à figura de Dom Sebastião como um ser místico que veio para salvar Portugal, ele teve seu nascimento no dia 20 de janeiro, justamente no dia do santo, cujo qual leva seu nome, São Sebastião, tornando-se o primeiro rei a se chamar assim no reino (Ramos *et al.*, 2012).

A sua criação foi toda baseada em ensinamentos clericais e bélicos, principalmente, por influência de seu tio, que era um cardeal e de seu preceptor Dom Aleixo de Meneses que tivera experiências em campos de batalhas no norte da África. Isso fez com que o pequeno rei crescesse com o pensamento voltado para tais questões, olhando para futuras cruzadas, com o intuito de tomar territórios e fiéis para a religião cristã. Por carregar consigo tais pensamentos, fora, muitas vezes, aconselhado do contrário, especialmente por seu tio Dom Henrique, como também pelo Conselho de Estado. Uma outra preocupação que se dava a respeito do jovem rei, era a sua indisposição ao casamento e sua falta de interesse em mulheres, essencialmente, após

ser acometido a uma doença que lhe gerava cálculos urinários, podendo lhe impedir de ter filhos, não gerando descendentes ao reino de Portugal (Ramos *et al.*, 2012).

Partindo para sua cruzada contra os mouros em Alcácer Quibir em 1578, Dom Sebastião conseguiu uma junta de cerca de 17 mil homens. Contando com a ajuda de fidalgos portugueses, uma imensa criadagem e homens de armas das Casas aristocráticas, todos marchando juntos a Marrocos, com a fé de que seriam triunfantes contra os mouros infiéis. Agindo com pouca, ou nenhuma estratégia de guerra, sendo assim, derrotados pelas forças inimigas, que eram bem superiores, contando com “[...] há quem avalie, talvez com exagero, em perto de 70000 efectivos as tropas marroquinas, as quais contavam com artilharia e armas de fogo” (Ramos *et al.*, 2012, p. 318), isso em 04 de agosto do mesmo ano.

Após a batalha, o povo português soube da notícia, ficando totalmente arrasados, pois tinham perdido um rei sem deixar nenhum sucessor, perderam muitos jovens de seu país que foram à luta em uma guerra santa e, perderam também a coroa para o país vizinho, fato cujo qual tanto temiam. No entanto, iniciava-se um afloramento de uma esperança na volta do jovem rei salvador, especialmente por conta de não terem a certeza do mesmo ter morrido na batalha.

[...] Não se perdera só um rei, perdera-se a coroa, porque não havia herdeiros, e quem subiu ao trono foi o velho cardeal D. Henrique, tio avô do falecido, que nunca fora esperto e que estava então meio apatetado. Ainda houve quem dissesse que D. Sebastião não morreria, porque ninguém o vira cair morto, e o cadáver que apareceu, e que se disse que era dele, estava tão desfigurado que se não podia conhecer (Chagas, 1880, p. 103).

Como ninguém viu a morte do rei e, sendo levado um cadáver por Sebastião de Resende para que os prisioneiros o conhecessem como o rei, posteriormente, sendo dito que foi uma artimanha para que o verdadeiro rei pudesse ter tempo de fugir dos seus inimigos. Isso fez, mais ainda, com que o povo acreditasse que o rei estava vivo e possivelmente voltaria. Influenciou, também, com que dois tidos profetas, Bandarra e Simão Gomes, também conhecido como sapateiro-santo, pregassem versos sobre a volta do rei Dom Sebastião com a remissão do seu povo, comparado a Cristo (Martins, 1882, p. 75-76).

Essa crença na volta do rei se espalhou em Portugal, sendo publicada e disseminada pelas trovas de Bandarra, contribuindo em um sentimento de esperança pela população, que esperava um rei messiânico, que retornaria para salvar o país de seu fim trágico, quando findasse o reinado de Dom Henrique. Essas trovas foram proclamas em alguns momentos pelo padre Antônio Vieira, se mostrando sebastianista em alguns de seus sermões, trazendo a crença

na volta do rei e, com ele o V e Último Império de Cristo na terra, sendo o padre levado diante à Santa Inquisição para condenação (Godoy, 2007).

O mito da volta do rei perdurou, influenciando na aparição de algumas figuras que tentaram se passar por Dom Sebastião, que teria voltado para tomar seu trono e reconquistar Portugal das mãos da Espanha. O que veio a ser mais notável dentre esses falsos reis foi o de 1598, em Veneza, sendo reconhecido como o rei por vários portugueses, até mesmo por “D. João de Castro, um eclesiástico neto do vice-rei da Índia, seu homônimo e partidário foragido de D. António, prior do Crato” (Ramos *et al.*, 2012, p. 319).

2.2 O mito pelo Brasil

O mito do rei Dom Sebastião chegou a atravessar o Oceano Atlântico juntamente com os portugueses que vieram de Portugal ao Brasil. Ao chegar em terras estrangeiras, o mito ganhou conotações diferentes, especialmente, por ser um país continental, cada região abraçou-o de formas diversas. E, em muito desses “retoques” do mito do sebastianismo, se dá a apresentação de um possível Novo Mundo ou Reino, que seria desencantado juntamente ao rei, dando oportunidades para aqueles que estavam em uma vida miserável e de sofrimento, proporcionando uma angariação de prestígios e riquezas, como também, uma elevação do status social (Zierer, 2024).

O próprio padre António Vieira, quando estava no Brasil, com ainda seus 26 anos de idade, pronunciou em um de seus sermões na Bahia, em 1634, o Sermão de São Sebastião, no dia de homenagem ao santo, fazendo alusões ao rei Dom Sebastião.

[...] O Sermão de São Sebastião possui forte conteúdo sebastianista, apelando para a fé dos portugueses e do mundo quanto ao descobrimento do Sebastião Encoberto, que levava a graça de ser bem aventurado. Naquela ocasião, o Pe. Antônio Vieira afirmava seu lado sebastianista, como um dos grandes incentivadores da fé nesta crença política e religiosa instalada na complexidade desta personagem histórica e, já naquele momento, mítica (Godoy, 2007, p. 31-32).

Em Minas Gerais, pela época de 1760, Dom Sebastião entra em cena não exatamente como um dos personagens principais, mas, como um possível esposo para uma mulher que se fez santa, sendo ela ex-escrava e ex-prostituta. Ela se tornou uma mulher de grandiosa e pura devoção, onde lhe foram atribuídas características de vidente. Dona Rosa Egipcíaca, como era conhecida, revelou por meio de uma de suas profecias, em 25 de junho de 1760, sobre um novo dilúvio que aconteceria e, com isso, a volta do rei messiânico. Assim, podemos perceber de

antemão, que com a entrada do mito de Dom Sebastião em regiões brasileiras, vem sendo moldado por seus adeptos de acordo com seus sentidos do se fazer crer (Godoy, 2007, p. 63).

Outra localidade que traz à tona uma crença em um mito de Dom Sebastião, moldado à própria região, é o município de Bonito, em Pernambuco, por volta de 1820. Antes mesmo da aparição da figura do rei, têm-se uma crença em uma Santa da Pedra, que propicia milagres na região e, se faz de forma prévia a Dom Sebastião, que apenas aparece depois como um complemento ao mito da Santa, sendo visto como um cavaleiro messiânico que voltará trazendo consigo um novo reino, uma espécie de Nova Jerusalém. Tal culto terminou em um massacre dos fiéis pelo poder do Estado que, por meio do governador de Pernambuco naquela época, no qual via neles uma afronta ao seu governo e ameaça ao poder do império e à ordem do próprio Estado, mandou massacrá-los, restando poucos sobreviventes (Godoy, 2007, p. 112).

Ainda em relação às aparições do sebastianismo e da figura do rei Dom Sebastião em algumas regiões brasileiras, seguem-se mais dois casos em que a figura do mítico rei é retomada e ressignificada em prol dos propósitos locais. Onde, nas duas situações, as condições não terminaram muito favoráveis à população devota e, sendo ela combatida pelo governo local que não as enxergava com bons olhos, mas, como uma afronta e deturpação da ordem.

O primeiro caso dessas duas ocorreu em uma localidade do Estado de Pernambuco, próximo ao município de São José do Belmonte. Aqui, o mito ganhou um enredo envolvendo um possível representante de Dom Sebastião, ou seja, um rei provisório, que seria seu antecessor com a função de preparar a sua volta e de seu reino na terra. E, seguido desse representante, foram nomeados ainda mais dois, um após o outro, concomitante aos seus objetivos serem alcançados ou terem falhado.

Esse primeiro antecessor seria um mameluco por nome João Antônio dos Santos, que conseguiu o seu objetivo de convencer a pequena população de Vila Bela que havia um reino encantado em Pedra Bonita e, que esse reino seria desencantado, trazendo consigo também a figura de dom Sebastião se, primeiramente, ele como representante, se casasse com Maria. Após a façanha de conseguir se casar com uma moça por nome Maria, filha de um fazendeiro local e, também, angariar por forma de empréstimos, alguns bens e se tornando o primeiro rei provisório, nomeou João Ferreira, por causa de ser convencido pelo padre Francisco José Correia da renúncia, pela insatisfação das autoridades locais (Godoy, 2007).

O segundo rei provisório João Ferreira, que também era mameluco, seguiu um caminho mais fanático religioso, convencendo os fiéis de que seriam necessários sacrifícios humanos para a volta do rei e o desencantamento de seu reino, preparando-os para uma espécie de juízo

final. Ocasionalmente, por esse meio, um massacre onde seus fiéis seguidores sacrificaram parentes e logo após se auto sacrificaram, fazendo surgir um terceiro reinado (Godoy, 2007).

O terceiro rei provisório foi Pedro Antônio, irmão do primeiro rei, que não suportou o descabido ritual de sacrifício, principalmente, porque teria que sacrificar suas irmãs, e resolveu pará-lo, afirmando ter recebido uma mensagem de Dom Sebastião que afirmava que para retornar, era necessário um último sacrifício, o de João Ferreira, que logo foi deposto, substituído e levado para ser sacrificado. No entanto, já sabendo das atrocidades ocorridas, as autoridades da região se dirigiram para o local, com a intenção de eliminar o culto, como também os fiéis. Tendo o encontro em um caminho, onde ocorreu o confronto das autoridades contra os seguidores de El-Rei, como estava sendo chamado Pedro Antônio, sendo eliminados ele e a maioria de seus seguidores (Godoy, 2007).

O outro caso que traz a figura do rei Dom Sebastião se dá em Canudos, interior da Bahia, entre 1896 e 1897, período em que se agravaram os conflitos entre os sertanejos juntamente com seu líder religioso contra o poder dominante, ficando bastante famoso por todo o país como “Guerra de Canudos”. Antônio Conselheiro conseguiu reunir em uma comunidade, Belo Monte, alguns seguidores que tinham consigo os mesmos ideais em relação à República, recém-instalada e, às mudanças que com ela apareceram, como as cobranças de impostos altas, a separação do entre Igreja e Estado, o casamento civil e também o tratamento dado ao povo (Souza, 2012, p. 08).

O mito do Rei Dom Sebastião não foi o pilar central dentre a população de Belo Monte, no entanto, teve elementos influenciadores na formação do pensamento dentro da comunidade, como aponta Godoy (2007):

Percebo, em alguns dos estudos referidos, a dificuldade em se aceitar, como material importante do fato canudense, a presença da figura de Dom Sebastião e de alguns escritos proféticos que trafegavam entre a população acompanhante de Antônio Conselheiro. Já nos convenceram, estas importantes análises, de que o movimento popular político e religioso de Canudos, não teve como bandeira o sebastianismo, porém é inegável que estes elementos conviveram com a população do Conselheiro, mesmo já em sua peregrinação, até quando estabelece-se em Belo Monte (Godoy, 2007, p. 148).

Sendo, pontuado por Zierer (2024), mostrando que o povo de Canudos, por meio do Conselheiro, tinha essa visão da volta de Dom Sebastião pregada pelo mesmo, pois, “[...] este defendia que D. Sebastião viria com o seu exército das ondas do mar e lutaria contra o Anticristo, identificado pelo primeiro com o estabelecimento da República no Brasil” (Zierer,

2024, p. 132), ou seja, a propagação do mito do retorno do rei poderia, sim, ser também um pilar central.

Assim sendo, a população de Canudos, tinha em meio ao seu cotidiano as ideias mais recorrentes, como em outras regiões, sobre a implantação de um império, como pode-se notar a mudança de nome para Império de Belo Monte, como uma alusão ao Quinto e Último Império Universal Cristão na terra e, também, “[...] tinha sim importância formadora e força reflexiva dentro da comunidade a alusão a Dom Sebastião e seu exército dentro do imaginário daquele povo” (Godoy, 2007, p. 150).

As diferentes manifestações do sebastianismo em território brasileiro demonstram que o mito foi continuamente reinterpretado conforme os contextos culturais locais. Entre essas ressignificações, destaca-se aquela desenvolvida no Maranhão, onde Dom Sebastião passou a integrar o universo religioso do Tambor de Mina.

2.3. Maranhão: a ilha dos Lençóis

O mito sebastianista chegou ao Maranhão por meio dos portugueses quando estes buscavam retomar o território maranhense para a Coroa portuguesa. À época, a região encontrava-se sob ocupação francesa, favorecida pelo enfraquecimento da presença portuguesa durante o período da União Ibérica (1580-1640), quando Portugal esteve sob domínio da Coroa de Castela (Godoy, 2007).

Com o passar do tempo, o mito foi sendo ressignificado pela população local, adquirindo características próprias do imaginário maranhense. Entre os fatores que favoreceram essa transformação destaca-se a paisagem dos Lençóis Maranhenses, especialmente a Ilha dos Lençóis, localizada no município de Cururupu. A combinação entre dunas, mar e isolamento geográfico contribuiu para que a ilha fosse reconhecida como um espaço encantado, identificado pela tradição popular como a morada de Dom Sebastião e de toda a sua corte (Pereira, 2000; Braga, 2001; Andrade, 2002 *apud* Ferretti, 2013, p. 263).

A Ilha dos Lençóis possui uma topografia que lembra o local no qual foi travada a batalha de Alcácer-Quibir, um local desértico, marcado pela presença de um sol causticante, caracterizado por dunas, que parecem imensos lençóis, daí o nome da localidade (Zierer, 2024, p. 125).

A associação entre a paisagem maranhense e a batalha de Alcácer-Quibir fortaleceu a crença de que Dom Sebastião não teria desaparecido definitivamente, mas permanecido encantado naquele território, aguardando o momento de seu retorno. Essa interpretação passou

a integrar tanto as narrativas populares quanto as manifestações religiosas desenvolvidas no estado.

Nesse sentido, Godoy (2007) registra o depoimento do babalaô Jorge Itacy, dirigente do Tambor de Mina Iemanjá, em São Luís, que relaciona diretamente a paisagem da Ilha dos Lençóis à permanência simbólica do rei português no Maranhão:

Ao chegarem por esses lados, ao avistarem a Ilha dos Lençóis, a paisagem despertou nos primeiros colonos a memória a respeito de Dom Sebastião e seu estado de Encoberto, esperando seu desencantamento para voltar e continuar o projeto de instaurar o V Império Universal cristão (Godoy, 2007, p. 185).

A tradição oral maranhense acrescentou novos elementos à narrativa sebastianista. Segundo a crença popular, as embarcações de Dom Sebastião teriam alcançado a Ilha dos Lençóis, onde o rei permaneceu encantado. Desde então, manifesta-se nas noites de lua cheia sob a forma de um touro negro com uma estrela na testa. A lenda afirma que somente um guerreiro suficientemente corajoso para ferir a estrela com uma lança seria capaz de desencantar o rei, fazendo emergir seu reino submerso. Entretanto, esse acontecimento provocaria o afundamento da ilha de São Luís, razão pela qual o desencantamento permanece apenas no plano da expectativa mítica (Zierer, 2024).

A permanência dessa tradição também se manifesta na vida cotidiana dos habitantes da Ilha dos Lençóis, especialmente entre os pescadores, cuja convivência com a lenda fortalece sua continuidade ao longo das gerações.

Os pescadores da Ilha dos Lençóis, por serem albinos, costumam realizar as suas atividades à noite. Possuem a pele castigada pelo calor, sendo comum o acometimento de câncer de pele. Eles conhecem a lenda e 'recebem' a entidade de D. Sebastião, cultuada nos terreiros de Tambor de Mina que existem na ilha (Pereira, 2005). No local, e em outros também, são conhecidas várias toadas mencionando o retorno do touro negro encantado (Zierer, 2024, p. 126).

A permanência do mito na religiosidade popular demonstra que Dom Sebastião deixou de representar apenas uma figura histórica portuguesa para assumir uma nova identidade espiritual no Maranhão. Sua presença ultrapassa a tradição oral e passa a integrar os cultos afro-maranhenses, especialmente o Tambor de Mina, onde é reconhecido como um encantado pertencente às famílias espirituais cultuadas nos terreiros.

Como destaca Pires (2004),

[...] Diz-se no Maranhão que Lençóis é o lugar onde está Dom Sebastião, “encantado”, que é incorporado por diversos fiéis do Tambor de Mina que ecoam nas noites ludovicenses. A partir desse universo simbólico amplo e multifacetado diz-se que a cidade de São Luís é uma ilha encantada (Pires, 2004, p. 118).

Dessa forma, a Ilha dos Lençóis representa muito mais que o cenário de uma lenda regional. Ela constitui o principal elo entre o sebastianismo português e o universo religioso maranhense, tornando-se o espaço simbólico onde o mito foi reinterpretado e incorporado à encantaria. É justamente essa ressignificação que explica a presença de Dom Sebastião como uma das entidades mais importantes do Tambor de Mina em São Luís e em outras regiões do Maranhão, estabelecendo a relação central analisada neste trabalho entre o sebastianismo e a religiosidade afro-maranhense.

3 DOM SEBASTIÃO E O SEBASTIANISMO NO TAMBOR DE MINA

Após compreender o processo de formação do mito de Dom Sebastião em Portugal e sua ressignificação no Maranhão, torna-se necessário analisar como esse personagem passou a integrar a religiosidade afro-maranhense. Nesse contexto, o Tambor de Mina constitui o principal espaço de preservação dessa tradição, reunindo elementos de origem africana, indígena e europeia em um sistema religioso próprio, no qual diferentes entidades convivem dentro de uma mesma cosmologia espiritual.

Sobre essa religião, Ferretti (2013) afirma que:

O Tambor de Mina é mais encontrado na capital e se caracteriza pelo predomínio de entidades africanas, voduns e orixás e a inclusão de caboclos. Estes, na maioria, não são de origem ameríndia. Muitos são nobres europeus que se encantaram na mina ou são entidades brasileiras. O nome Tambor de Mina deriva da importância do tambor entre os instrumentos musicais e do forte de São Jorge da Mina, na atual República do Gana, por onde foram importados muitos escravos africanos (Ferretti, 2013, p. 264).

Essa característica evidencia que o Tambor de Mina não se limita à preservação das tradições africanas. Ao longo de sua formação histórica, incorporou personagens provenientes de diferentes matrizes culturais, transformando figuras históricas em encantados. É justamente nesse processo que Dom Sebastião deixa de ser apenas um rei português e passa a ocupar posição de destaque entre as entidades cultuadas nos terreiros maranhenses.

Ainda segundo Ferretti (2013, p. 264), “o Tambor de Mina também é conhecido como Linha da Água Salgada, significando que suas entidades vieram do outro lado do oceano”. Essa

denominação reforça a ligação histórica da religião com povos que atravessaram o Atlântico, especialmente africanos escravizados, mas também evidencia a presença de entidades associadas ao universo europeu. Conforme destaca o autor, nas casas tradicionais há predominância da participação feminina, sendo comum que a liderança religiosa seja exercida por mulheres, aspecto que contribuiu para a preservação e transmissão dos conhecimentos ritualísticos entre as gerações (Ferretti, 2013).

Os rituais do Tambor de Mina são marcados pela incorporação das entidades espirituais, momento em que ocorre a comunicação entre o mundo material e o espiritual por meio do transe religioso. Conforme descreve Ferretti (2013, p. 265), “na Mina, várias pessoas entram em transe ao mesmo tempo e dançam em roda. Diversas pessoas recebem sua entidade e permanecem em transe com ela durante quase todo ritual”.

Essas manifestações representam um dos principais elementos da prática religiosa, pois é durante o transe que os encantados se apresentam, aconselham seus devotos e reafirmam sua presença dentro da tradição. Dessa forma, Dom Sebastião não permanece apenas como personagem do imaginário popular, mas participa ativamente dos rituais religiosos realizados nos terreiros de Tambor de Mina.

Outro aspecto fundamental dessa religião refere-se à organização das entidades em famílias espirituais. Essa estrutura, inicialmente presente entre os voduns de tradição jeje, foi posteriormente estendida aos demais encantados cultuados no Maranhão. Nesse sentido, Ferretti (2013, p. 265) explica que “[...] na casa Jeje, os voduns se agrupam em famílias e este modelo se difundiu no Tambor de Mina, onde as demais entidades cultuadas também costumam se agrupar em famílias”.

Essa forma de organização permite compreender por que Dom Sebastião não aparece isoladamente dentro da religião. Assim como outras entidades, ele integra uma família espiritual composta por diversos encantados, estabelecendo relações de parentesco simbólico que estruturam parte importante da cosmologia do Tambor de Mina.

Entre essas famílias espirituais, uma das mais conhecidas é a do Rei da Turquia, bastante difundida nos terreiros maranhenses. Como observa Ferretti (2013, p. 266), “uma das famílias de entidades mais importantes e conhecidas no Tambor de Mina é a família do Rei da Turquia”. Entretanto, ao lado dessa importante linhagem de encantados, destaca-se igualmente a família de Dom Sebastião, cuja presença demonstra a influência exercida pelo sebastianismo na formação do imaginário religioso do Maranhão.

Segundo Ferretti (2013, p. 266):

Vemos, assim, que o imaginário religioso afro-maranhense é influenciado por tradições procedentes de várias regiões, inclusive da Europa. Outra família importante de encantados presente no Tambor de Mina e na Pajelança é a família de Dom Sebastião (Ferretti, 2013, p. 266).

Essa afirmação representa um dos principais fundamentos desta pesquisa, pois demonstra que a presença de Dom Sebastião nos terreiros não constitui um elemento isolado nem uma simples lenda popular. Ao contrário, trata-se de uma tradição consolidada dentro da religião afro-maranhense, resultado da ressignificação do antigo mito português no contexto cultural do Maranhão.

Ao ser incorporado ao universo da encantaria, Dom Sebastião também passou a apresentar características diferentes daquelas atribuídas pela história oficial. Enquanto o rei português morreu jovem, sem esposa e sem descendentes, na tradição religiosa maranhense ele passou a ser reconhecido como patriarca de uma numerosa família espiritual.

Nesse sentido, Zierer (2024, p. 132) observa que:

[...] Elemento interessante da ressignificação de D. Sebastião no Brasil, o qual morreu virgem, solteiro e sem filhos, é que, nos cultos afros, o encantado possui uma grande descendência, com vários filhos e filhas. Uma filha famosa é a princesa Ina, ou Iná (Zierer, 2024, p. 132).

A construção dessa descendência demonstra que o Tambor de Mina reinterpretou completamente a figura histórica de Dom Sebastião, inserindo-o em uma estrutura familiar compatível com a organização das demais entidades cultuadas na religião.

Complementando essa tradição, Zierer (2024) registra:

Outros filhos de D. Sebastião, mencionados nas entrevistas feitas por Pedro Braga pelos praticantes do tambor de mina, são Princesa Flora (filha de D. Sebastião e da Rainha Bárbara ou Iemanjá) e João de Una, filho de D. Sebastião. O rei também é conhecido no tambor como Xapanã, Ossi e Oxóssi (Braga, 2001 *apud* Zierer, 2024, p. 132).

Esses elementos evidenciam que Dom Sebastião deixou de representar apenas um personagem da memória portuguesa para assumir identidade própria dentro da religião afro-maranhense. Sua associação a outras entidades demonstra o intenso processo de ressignificação religiosa ocorrido no Maranhão, onde tradições africanas, europeias e indígenas passaram a dialogar na construção da encantaria.

Ferretti (2013) reforça essa compreensão ao afirmar que:

A tradição do culto a Dom Sebastião, relacionada com o mito do sebastianismo, se constitui uma das fontes do imaginário religioso e da cultura popular local. O culto à família de Dom Sebastião está presente no Tambor de Mina e nos rituais de Cura ou Pajelança, englobando entidades consideradas nobres ou gentis (Ferretti, 2013, p. 267).

Esse aspecto evidencia a estreita relação entre religião e cultura popular no Maranhão, uma vez que o culto a Dom Sebastião extrapola os limites dos terreiros e se manifesta também nas narrativas orais, nas festas populares e nas diversas formas de expressão da identidade maranhense.

Uma das manifestações mais conhecidas desse culto ocorre durante as incorporações em que Dom Sebastião se apresenta simbolicamente sob a forma de um touro encantado, diretamente relacionado à lenda da Ilha dos Lençóis. Como descreve Ferretti (2013):

Em alguns terreiros, o Rei Sebastião se incorpora nos devotos na forma de um touro, chamado de boi Turino e a pessoa que o recebe dança ajoelhada, com as mãos ciscando o chão e bufando como um touro (Ferretti, 2013, p. 267).

Essa representação estabelece uma ligação direta entre a lenda da Ilha dos Lençóis e a prática religiosa do Tambor de Mina. O touro negro encantado mencionado pelas narrativas populares torna-se uma manifestação ritual da própria entidade, reafirmando que o sebastianismo maranhense permanece vivo não apenas como tradição oral, mas também como elemento constitutivo da religiosidade afro-maranhense. Assim, a presença de Dom Sebastião nos terreiros demonstra que o mito português foi plenamente incorporado ao universo da encantaria, constituindo uma das expressões mais singulares da identidade religiosa e cultural de São Luís e do Maranhão.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa permitiu compreender que o sebastianismo ultrapassou os limites da história portuguesa e adquiriu novos significados ao chegar ao Brasil, especialmente no Maranhão. O mito do rei Dom Sebastião, inicialmente associado à esperança do retorno do monarca para restaurar o reino de Portugal, foi gradativamente reinterpretado pela cultura popular maranhense, passando a integrar o imaginário religioso local. Esse processo de resignificação demonstra a capacidade das tradições culturais de adaptar narrativas históricas a novos contextos sociais e religiosos, preservando sua essência, mas atribuindo-lhes novos sentidos.

No Maranhão, verificou-se que a Ilha dos Lençóis ocupa papel central nesse processo de transformação do mito. A tradição que identifica a ilha como morada encantada de Dom Sebastião fortaleceu a permanência do sebastianismo na memória coletiva e contribuiu para sua incorporação às manifestações religiosas da região. A figura do rei deixou de representar apenas um personagem da história de Portugal para tornar-se um encantado presente nas narrativas populares, na cultura maranhense e, sobretudo, nos rituais religiosos do Tambor de Mina e da Pajelança.

A análise das obras de Ferretti (2013), Godoy (2007; 2009), Braga (2001) e Zierer (2024) evidenciou que a presença de Dom Sebastião no Tambor de Mina constitui uma das manifestações mais singulares da religiosidade afro-maranhense. Inserido entre as famílias de encantados, o antigo rei português passou a desempenhar funções espirituais próprias, possuindo descendência simbólica, formas específicas de incorporação e estreita relação com a lenda do touro encantado da Ilha dos Lençóis. Esses aspectos demonstram que o Tambor de Mina não apenas preservou o mito sebastianista, mas o reinterpreto de acordo com sua própria cosmologia religiosa, estabelecendo um diálogo entre tradições africanas, europeias e indígenas que caracteriza a identidade cultural do Maranhão.

Por fim, conclui-se que a relação entre o sebastianismo e o Tambor de Mina representa um importante exemplo da dinâmica de formação da cultura brasileira, marcada pela interação entre diferentes matrizes culturais. O estudo evidencia que Dom Sebastião permanece vivo não apenas como personagem histórico ou figura lendária, mas como entidade cultuada na encartaria maranhense, reafirmando a riqueza do patrimônio religioso e cultural de São Luís e do Maranhão. Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as discussões sobre o sebastianismo, a encartaria e o Tambor de Mina, incentivando novos estudos acerca das manifestações religiosas afro-brasileiras e de sua relevância para a preservação da memória e da identidade cultural maranhense.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, L. C. Os encantos e encantados de uma pesquisadora. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, v. 1, p. 25-29, 2016.

ASSUNÇÃO, L. C. **O Reino dos Encantados**: caminhos, tradição e religiosidade no sertão nordestino. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, 1999.

BRAGA, P. S. **O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis**: o sebastianismo no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 2001. (Ed. original: São Luís: IPES, 1983).

CHAGAS, M. P. **História de Portugal**: popular e ilustrada. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1880.

FERRETTI, S. F. Encantaria maranhense de Dom Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais (Lusophone Journal of Cultural Studies)**, v. 1, n. 1, p. 262-285, 2013.

FERRETTI, S. F. Festas e religiosidade popular no Tambor de Mina do Maranhão. **Ciências Humanas em Revista (UFMA)**, São Luís, v. 1, n. 1, p. 31-40, 2003.

FERRETTI, S. F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 11, p. 15-33, 2014.

GODOY, M. H. O desejado e o encoberto: potências de movimento de um mito. **Revista USP**, São Paulo, n. 82, p. 16-31, jun./ago. 2009.

MARTINS, O. **História de Portugal**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1882.

PACHECO, G. B. F. **Brinquedo de Cura**: um estudo sobre a Pajelança Maranhense. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.

PIRES, Á. R. **O rufar dos tambores**: Casa Fanti-Ashanti, intelectuais e a (re)construção do universo religioso afro-maranhense. Tese de Doutorado em Ciências Sociais: Antropologia. PUC-SP, 2004.

RAMOS, R.; SOUSA, B. V.; MONTEIRO, N. G. **História de Portugal**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2012.

SOUZA, A. G. O. **Guerra de Canudos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira, 2012.

ZIERER, A. Cururupu e a Ilha dos Lençóis: o domínio mítico de D. Sebastião no imaginário maranhense. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco – História**, [S. l.], v. 21, n. 37, p. 112-139, 2024. DOI: 10.18817/ot.v21i37.1136. Disponível em: https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/1136. Acesso em: 05 out. 2024.